

1 BREVE APRESENTAÇÃO

O diálogo sobre o **Projeto Memorial UFPB: pessoas e legados** foi apresentado na 4ª Semana Nacional de Arquivos (SNA), que teve como tema ‘**Empoderando a sociedade do conhecimento**’. Evento promovido pelo Arquivo Nacional, ocorreu em todo país de 8 a 14 de junho de 2020. Na Paraíba, foi organizado pelo Grupo de Estudos Arquivísticos (GEArq). Esse diálogo aqui descrito de forma mista, sendo hora narrado em forma de entrevista, com o acréscimo de citações, está pautado em apresentar o principal equipamento de difusão dos acervos memorialísticos da UFPB - o Memorial UFPB: pessoas e legados - que está caminhando em primeiros passos nas ações de implantação. A apresentação, aqui transcrita com os momentos relevantes do evento, foi exibida, ao vivo, no canal do Youtube do Arquivo Central da UFPB, e contou com a participação da Profa. Dra. Julianne Teixeira, diretora do Arquivo Central da UFPB, que no texto receberá a indicação pela letra **JT** e do servidor da UFPB Durval Leal, doravante indicado pela letra **DL**, que fez o relato de suas motivações, inspirações e experiências que corroboraram para a idealização e planejamento do Memorial UFPB.

2 VIVÊNCIAS E RAZÕES QUE IMPULSIONAM UM TRABALHO COM INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA

JT- Dando seguimento à programação da 4ª Semana Nacional de Arquivos de 2020 iniciaremos a roda de conversa sobre o projeto do Memorial da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Vamos conversar hoje com Durval Leal que vai fazer suas explanações sobre o projeto Memorial UFPB: pessoas e legados.

JT- Durval Leal é o idealizador desse projeto e vem trabalhando juntamente com a equipe do Arquivo Central para instituir um espaço de memória que possibilitará a execução da difusão da história da UFPB tendo como maior expressividade e representatividade as pessoas que construíram o legado institucional

JT- Bem vindo Durval Leal, para iniciarmos gostaria que falasse um pouco sobre você e sua experiência.

DL- Bom dia professora. Minha formação é muito eclética, comecei trabalhando com audiovisual como técnico de som na rádio universitária da UFPB, na década de 1980. Depois no NUDOC – Núcleo de Documentação Cinematográfica, onde trabalhei como técnico de som e técnico de gravação, criei na época o circuito universitário de cinema, que a eram exibidos filmes em 16mm nos sete *campi* da universidade, nesse período (décadas de 1980 e 1990) a universidade tinha ainda sete *campi*. Então com essas variações de atividades sempre estive ligado na questão

¹Memórias das discussões realizadas na 4ª Semana Nacional de Arquivos, no Estado da Paraíba.

² Doutor e Mestre em Ciência da Informação; Professora Adjunto do Departamento de Ciência da Informação da UFPB.

³ Servidor técnico administrativo da UFPB, Produtor/Diretor Documentarista. Idealizador do projeto Memorial UFPB: Pessoas e Legados.

da produção de imagem. Na década de 1990 já militava com grupos ligados às Organizações Não Governamentais (ONGs), Integrava um grupo que fundou a ONG “Paraiwa” um Coletivo de Assessoria e Documentação com professores da universidade, técnicos do IBAMA e vários profissionais.

E no decorrer dessa experiência no Coletivo Paraiwa comecei a me dedicar às atividades de documentarista tendo a memória, identidade, cultura e meio ambiente como foco da narrativa de minhas produções. Isso que ajudou bastante, pois na década de 1990 a produção de documentários na Paraíba era bem substancial. Apesar de sermos poucos profissionais dedicados à essa atividade tínhamos boas produções e apoio da Universidade. Sempre fui muito curioso. Uma das coisas que mais me motiva é a curiosidade. O que sempre me motivou e, ainda motiva, é a possibilidade de olhar o outro a partir da questão de como ele percebe a leitura crítica da imagem, isto é, como é, que o outro consegue perceber aquilo que a gente tenta traduzir no audiovisual.

Isso me deu muita oportunidade de aprender, de ter contato e trocas de vivências com as pessoas isso facilitou olhar para trabalhar com o cotidiano. Foi muito gratificante.

JT- Verdade Durval, isso mostra sua sensibilidade com relação aos projetos. Quando é que surgiu, em você, ideia de trabalhar com um Memorial para a UFPB?

DL- Em 2010 fui convidado para pensar o Memorial do Sebrae. Era uma ocasião que os primeiros técnicos do Sebrae estavam falecendo o que sensibilizou alguns conhecidos meus que trabalhavam no Sebrae e assim um dos diretores me fez o convite para pensar um memorial para a instituição. A coisa ficou adormecida por um tempo quando em 2013, época da criação da Feira do Empreendedor decidiram criar o Memorial Virtual. Na época da Feira do empreendedor 2014 fui convidado para pensar o Memorial junto com outros técnicos. O que me despertou muito interesse pois sempre gostei de museus e instituições de memória. Inclusive um dos meus sonhos era conhecer o Museu do Prado em Madrid eu tinha uma grande vontade de conhecer a obra de Hieronymus Bosch. Sempre me senti muito feliz quando estive em museus. Então comecei a estudar sobre museus e centros de memória e sempre sentia a sensação e a angústia de que museu é uma coisa muito elitista, voltado para uma elite. Principalmente nas décadas de 1980 e 1990 em que muitas pessoas não tinham acesso aos Museus. Nessa época não tínhamos internet, nem tanta informação.

No Dicionário Básico de Filosofia Japiassú e Marcondes (2006) afirmam:

A memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto com uma capacidade de evocar o passado através do presente. (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2006, p. 183-184).

Com esse trabalho junto ao Sebrae começamos com a novas tecnologias tecnologia da informação e comunicação (TIC) o que nos dava a possibilidade de pensar um memorial com interação. A gente começou a ver que o museu era uma coisa que podia ser algo mais movimentado e dinâmico e que poderíamos “brincar” com esse aparato de memória de modo interativo e dialogando com o visitante. Então no Memorial Sebrae tivemos a oportunidade de fazer isso. Foi uma experiência muito feliz só. Foi algo bem recebido pelo público. Esse projeto foi o Start.

JT- Durval, interrompendo um pouco explanação, vou aproveitar sua fala sobre museus e centros de memória para fazer uma colocação, pois Memorial UFPB está vinculado ao Arquivo Central. E vale observar que tanto nos arquivos, como nos museus e bibliotecas, quando trabalhamos com determinados tipos de acervos, a gente vez ou outra é colocado em xeque pois nos deparamos com a linha tênue que separa os fazeres dessas três áreas. Por vezes nos deparamos com objetos que precisam de um olhar museológico, outras vezes com objetos arquivísticos e às

vezes bibliográficos. É bem frequente recebermos coleções bibliográficas quem acompanham arquivos pessoais, bem como objetos tridimensionais e às vezes fica difícil falar do Arquivo Central da UFPB como referência e custodiador dos acervos arquivísticos de caráter permanente e do Memorial UFPB sem esbarrar nessas outras instituições ou nesses outros saberes e fazeres. Isso me fez lembrar de uma citação que você sempre menciona em nossas conversas:

Os museus estão em movimento. Pressionados pelas transformações políticas, sociais, econômicas e tecnológicas os museus estão em mudança. Alguns realizam mudanças internas, outros agitam-se como loucos, outros movimentam-se sem sair do lugar, lembrando as bicicletas e as esteiras das pós-modernas academias de ginástica. Não há um modelo a seguir. As tendências museológicas são múltiplas (CHAGAS, 2002, p.29).

JT- Gostaria que você falasse um pouco essa percepção de espaços que lidam com a memória.

DL - Me lembro que foi a partir dessa visão que a gente começou a perceber a necessidade de ver como faríamos para deixar as pessoas mergulhadas de modo efetivo na visitação. Os museus estão mudando. Me fez lembrar da primeira vez que eu fui ver a museu da língua portuguesa em São Paulo. Saí de lá completamente fascinado. Logo depois conheci um camarada chamado Zé Pessoa, que criou o Museu da Pessoa ele andava pelo Brasil colhendo depoimentos de pessoas. Achei isso uma grande sacada, porque acho que a grande descoberta é a valorização do outro é você ouvir o outro, é você dizer que o outro sente, como o outro se identifica. É lidar com a alteridade e respeitar o outro, de aceitar como ele é, e de percebê-lo.

Como documentarista, que sou, isso é bastante inspirador e importante. Pois quando você posiciona e liga a câmera, você sempre subverte; sempre coloca sua posição independente de achar que não está subvertendo a ação. Mas quando você posiciona uma câmera você já está dizendo o que é que você pretende. E quando você escuta o outro e dá a oportunidade de mostrar o que ele declarou você começa a observar que há uma relação muito mais íntima entre você o teu personagem.

Então isso sempre foi para mim um ideal de Memorial e de Museu. Quando estávamos trabalhando com o Memorial do Sebrae, eu e a equipe, estávamos o tempo todo pensando nisso, quer dizer, como o visitante pode deixar seu depoimento sobre sua experiência de visitação, como é que ele vai vivenciar aquele momento, Como o visitante pode contribuir com aquela exposição? Uma coisa que sempre me ocorreu é a de que, para lidar com o Museu ou Memorial você tem que estar, o tempo todo, criando exposições, criando itinerância, renovando e trazendo atrativo para o público se identificar com tudo isso.

E quando penso na relação museus e universidade, me pergunto sobre quais são os atrativos para que uma universidade tenha um museu, um memorial? E ao mesmo tempo que me questiono, consigo, de pronto, ter uma resposta que considero a mais importante que são as pessoas. E observo que estamos perdendo a memória das pessoas que passaram pela universidade. Isso me remete à Zé Pessoa e sua proposta de Museu da Pessoa. A maioria das instituições perdem muitas referências da memória do outro. O que é um dissenso, pois o que as organizações possuem de mais rico são as pessoas. E por vezes essa relação é quebrada pelo esquecimento e pela não valorização do seu legado.

Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos, também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazemos recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2004, p. 39).

Gosto de pensar na afetividade na construção dessas relações. Pois você só se relaciona com quem você tem afetividade, até mesmo na dicotomia dessa loucura que se transformou as redes sociais em que se observa que, 95% dos posts são *selfies*. Fica fácil entender que há carência de afetividade e de relações pessoais. As pessoas querem ser vistas, apresentadas, querem espaços para se relacionarem.

Sobre a afetividade, Pinto (2008, p.83), cita MIRA y LÓPEZ⁴, para evidenciar que “a afetividade é o conteúdo psíquico que dá cor aos pensamentos, motivações, temperamentos e outros mais, alterando substancialmente todo o estado de ânimo”. Inclusive o pensamento de Mira y Lopez inspira a ideia geral de afetividade no Memorial UFPB quando entendemos que a “afetividade é efetiva na espécie humana”.

DL- Quando nos questionamos sobre os espaços de cultura dentro da UFPB vimos que havia uma pinacoteca, haviam bibliotecas, acervos arquivísticos privados, Núcleo de Arte popular, tem um Arquivo Central, a casa-museu de Hermano José, dentre outros equipamentos culturais, mas não tem um memorial.

Observo também que, a cada dia que passa, a universidade está perdendo a capacidade se relacionar com as pessoas que passaram pela instituição. De acordo com Costa (2013, p.78) a “memória institucional busca identificar elementos conceituais que atuam no processo de institucionalização das relações sociais”. Entretanto observamos que há um rompimento dos laços afetivos quando as pessoas se desligam da instituição. Isso é muito sério, pois a universidade acaba perdendo força na sociedade e estamos vendo que muitas pessoas (inclusive ex-alunos e ex-servidores) não defendem universidade porque perderam a afetividade e a identidade com a instituição.

Não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética. A identificação acompanha a diferenciação. Na medida em que a identidade é sempre a resultante de um processo de identificação no interior de uma situação relacional, na medida também em que ela é relativa, pois pode evoluir se a situação relacional mudar (...)” (CUCHE, 2002, p.183).

A UFPB tem dificuldade em se relacionar com seus egressos e nos esquecemos rapidamente dos docentes, cientistas e servidores técnico administrativos que colaboraram com o desenvolvimento da instituição. Estamos sem memória.

Os poucos esforços de salvaguardar a memória institucional estão empilhados nas estantes e trancados em salas fechadas se deteriorando e perdendo a oportunidade de se ressignificar ou de reengajar seus egressos e aposentados.

Além disso é necessário salientar que há uma inoperância comunicacional com o público externo. Vivemos em crise e em constante tentativa de apresentar à sociedade, o que somos. Tudo isso sempre me incomodou e quando tive a oportunidade, que foi dada pela reitora Profa. Dra. Margareth Diniz, vi o caminho aberto e a liberdade de executar esse projeto que tem a afetividade como mola propulsora e assim, a partir desse conceito, surgiu a denominação “Memorial UFPB: Pessoas e Legados”.

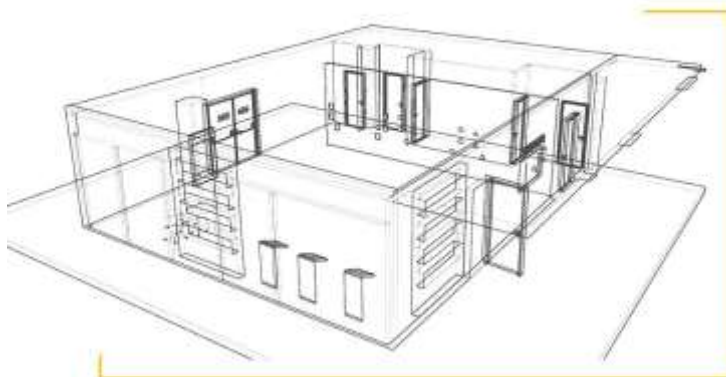
As instituições são constituídas por complexas redes de relações estabelecidas pelas práticas sociais entre seus atores - grupos e indivíduos que as constituem. Estão situadas muito além dos aspectos formais de organização, documentação e formalidades burocráticas. A identidade compartilhada é um importante fator de coesão e de pertencimento entre indivíduos de um grupo e o Memorial tem esse propósito de engajamento a partir da afetividade.

⁴ MIRA y LÓPEZ, Emilio. **Psicologia geral**. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

3 O MEMORIAL UFPB: PESSOAS E LEGADOS

Localizado no térreo do prédio da Reitoria, no Hall de entrada do Arquivo Central, O Memorial é um espaço físico e virtual, de fruição, conhecimento, entretenimento e acessibilidade de informações sobre a Administração, o Ensino, a Pesquisa e a Extensão no âmbito da Universidade Federal da Paraíba.

Figura 1: Layout do espaço do Memorial UFPB



Fonte: Dados do projeto original

A proposta é atingir a difusão colaborativa através da identificação afetiva com a UFPB, e direcioná-la para mobilizar e engajar a comunidade universitária através da narrativa da trajetória e dos rastros das pessoas – egressos, alunos, professores e técnicos administrativos – que construíram e mantêm o legado da Universidade Federal da Paraíba.

(...) como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar suas impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (Leg Goff, 2003, p.419).

O Memorial é composto de quatro espaços distintos – um painel central apresenta a linha do tempo que traça os 65 anos da UFPB dividido nas fases: *Árvore do conhecimento*, que percorre de 1935 a 1955; a fase *Janela para Ciências*, que transcorreu de 1955 a 2000; e *Mudança para o Futuro*, dos anos 2000 a atualidade.

Figura 2: Espaço “Linha do Tempo”



Fonte: Dados do projeto original

Com uma área de noventa metros quadrados, o Memorial UFPB tem no espaço ‘Pessoas’ o centro da atenção: através dos rastros dos egressos que construíram e mantêm a UFPB uma Instituição que se renova.

Figura 3: Espaço “Pessoas”



Fonte: Dados do projeto original

No espaço ‘Selfie’, inserido em um ambiente de fruição e bem-estar, o visitante pode interagir e narrar suas relações afetivas com a Universidade Federal da Paraíba ‘Confesso que Vivi’ é uma aplicação na qual através de fotografias, o egresso e a comunidade universitária refazem a memória narrando momentos marcantes, através de depoimentos em áudio e/ou vídeo, das experiências que fortaleceram sua trajetória profissional.

Figura 4: Espaço “Selfie - Confesso que vivi”



Fonte: Dados do projeto original

Os legados da instituição estarão presentes em exposições itinerantes que evidenciam a eficiência acadêmica dos quatro campi, com o foco na importância da descentralização do ensino, da pesquisa e extensão, apresentando ao público, através dos acervos e repositórios físicos e digitais, as ações e atividades que fazem da UFPB – um importante elo para o desenvolvimento regional.

Figura 5: Exposições itinerantes



Fonte: Dados do projeto original

JT- Quando você apresentou o projeto à equipe do Arquivo central ficamos muito felizes, pois vimos uma grande oportunidade do Memorial UFPB se tornar a principal forma de difusão do Arquivo Central. Esse foi o principal motivo pelo qual optamos por essa apresentação hoje, 09 de junho de 2020, que é o “dia internacional dos arquivos”. Fico muito contente de estarmos aqui falando de acervos diversificados e de possibilidades de um projeto amplo onde teremos condições, não apenas de organizar e preservar os acervos arquivísticos da UFPB mas de difundir o legado dessa instituição com uma capilaridade maior do que havíamos pensado quando elaboramos o Projeto do Arquivo Central.

Significa que teremos a possibilidade de romper com uma tradição meramente custodial e patrimonialista para dar vazão a uma perspectiva interativa, engajada e co-criativa a partir da afetividade das pessoas com a instituição. Esse caráter de difusão é um desafio ainda iremos inaugurar até o fim de 2020. O período do isolamento social provocado pela pandemia do Coronavírus impediu que inaugurássemos na data de hoje. Entretanto a oportunidade de estamos aqui apresentando o projeto já é bastante gratificante.

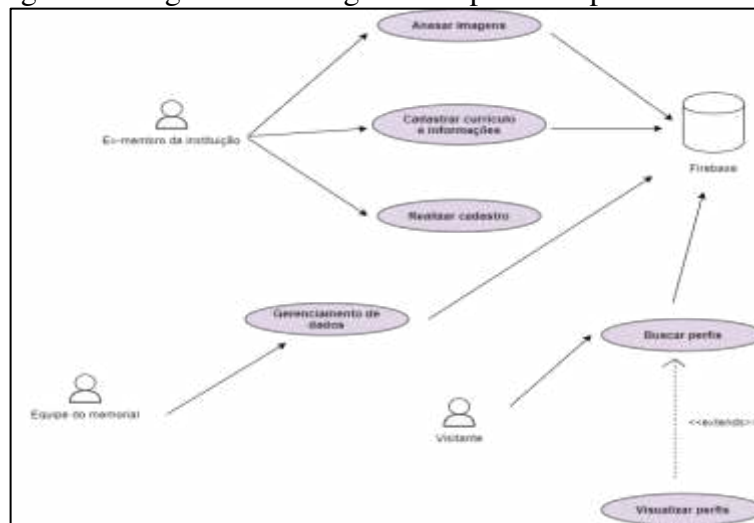
JT- Todos esses detalhes do projeto me encantam e se ele chegou até esse ponto foi porque temos apoio institucional. É importante deixar claro aqui que nós estamos falando de um projeto que a reitora, professora Margareth Diniz, abraçou apoiou. Arquivo Central passou a ser um aliado desse projeto principalmente por conta das suas afinidades institucionais não é mesmo, Durval?

DL- Eu diria que, mais que afinidade institucional, tenho “temporalidade institucional” [risos]. Tenho 37 anos como servidor na UFPB. Já tive a felicidade de poder conhecer a universidade, viajando pelos *campi*, realizando muitos projetos de extensão universitária, conhecendo vários técnicos, professores e alunos ao longo desses anos. Gosto muito da UFPB. Devo muito do que sou, a essa instituição, meus conhecimentos, minhas relações, meu cotidiano e tudo o que conquistei. A Universidade Federal da Paraíba é meu grande referencial - me deu régua e compasso. Na universidade consegui amarrar os elos das relações.

DL- Ao mesmo tempo que sou grato, preciso fazer as críticas necessárias sob o ponto de vista de alguns aspectos da cultura organizacional que não são favoráveis ao entendimento de preservação e difusão da memória institucional. Um deles é um comportamento pseudo-patrimonialista que alguns servidores insistem em praticar. Melhor explicando, esse comportamento diz respeito às ações individualizadas, que parte dos servidores exercem, ao guardar e não partilhar suas memórias representadas em objetos que estão trancados em seus setores, armários e gavetas. A maioria resiste em ceder ao Memorial, as fotos e demais objetos que retratam a memória institucional.

Na expectativa de romper com essa resistência foi pensada uma ação de sensibilização que será direcionada aos servidores da ativa, aposentados, alunos e ex-alunos, no sentido de partilharem suas memórias. Por meio de um aplicativo para smartfone. Esse recurso tecnológico permite a identificação da área onde se está determinado acervo, em tempo real, fornecendo dados baseados em diversas aplicações, sendo a mais comum a “geotagging” (marcação geográfica), que utiliza as coordenadas do sistema de Global Positioning System - GPS.

Figura 6: Diagrama de uso geral do aplicativo para smartfone



Fonte: Dados do projeto original

A fim de manter viva a história da Universidade não somente por meio de artefatos e materiais que explicitem o seu desenvolvimento, no decorrer do projeto, foi observado que é necessário levar em consideração toda a vivência das pessoas que fizeram parte da instituição,

mostrando como as mesmas deixaram seu rastro acadêmico, bem como contribuíram com os grandes feitos da UFPB.

JT- Durval gostaria que você falasse um pouco sobre os dois lados do Memorial, isto é, sua proposta de espaço físico presencial e a outra de espaço virtual.

DL- Vejo a seguinte situação: o espaço do memorial é plural. Foi pensado para valorizar a UFPB e difundir seu legado e corroborar com a imagem institucional junto a sociedade sob uma perspectiva calorosa e afetiva orientado para o engajamento e partilha de informações e experiências. Penso que o Memorial vem coroar a relação da instituição com as pessoas e com a sociedade como um todo, seja presencial ou virtualmente.

JT- Para finalizar nossa conversa quero ressaltar que foi preciso muita dinamicidade para driblarmos a falta de recursos (financeiros e humanos). Para executar o projeto contamos com o envolvimento de docentes e discentes que atuam com projetos de extensão e pesquisa.

DL- Exatamente, tem sido uma experiência muito agradável de trabalhar, temos um grupo de estagiários, bolsistas e extensionistas voluntários muito comprometidos com o projeto. Aprendem com a prática, pesquisam muito e lidam com os usuários para planejar os espaços, os aplicativos e as atividades de organização e difusão dos acervos. Aproveito para, publicamente, deixar um agradecimento especial a esse time de futuros profissionais de alto nível que estão envolvidos com o Memorial UFPB.

JT- Observo que o Memorial abraça os três segmentos (docentes, técnicos administrativos e discentes) e vai firmar suas bases valorizando os legados de cada um desses segmentos. Embora também tenha espaço para a comunidade do entorno e para o significativo volume dos prestadores de serviços que constituem a comunidade universitária.

DL- Sim. Vamos conseguir traçar os rastros das vivências e de afetividade que levaram à UFPB ser o que é nesses 65 anos de existência. O Memorial precisa ser dinâmico e não se fecha nesse primeiro escopo de atuação. É um projeto constantemente em construção. Hoje está fundamentado em acervos físicos e digitais, como imagens, podcasts, vídeos, documentos, fotografias, mas espero ver o dia, em breve, que estaremos trabalhando com a holografia. Isso para mim é muito prazeroso. Agradeço a oportunidade e o espaço para falar do projeto.

O Memorial UFPB: pessoas e legados, tem na memória afetiva da comunidade universitária o eixo para manter viva a história institucional, construindo com as tecnologias da informação e comunicação uma ação colaborativa para difusão dos acervos e repositórios para comemorar as conquistas que tornaram a UFPB uma das maiores instituições de ensino superior do Brasil.

REFERÊNCIAS

CHAGAS, Mário. Museu, literatura e emoção de lidar. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 19, n. 19, 2002.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória institucional**. João Pessoa: UFPB, 2013

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionários básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: Editora FGV, 2003.

PINTO, Eduardo Menon. As muitas faces da afetividade: um breve debate sobre o funcionamento psicológico do ser humano. **Barbarói**, p.75-88, 2008.